

SÍTIO DA TRINDADE OU ARRAIAL DO BOM JESUS? MEMÓRIA, MEMÓRIA HISTÓRICA E RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO: uma experiência com os alunos do segundo ano do Ensino Médio na ETE Dom Bosco- Recife-PE

Autor: José Roberto da Silva Júnior¹⁰⁹

RESUMO:

O presente trabalho traz um relato de experiência da prática docente na disciplina de Estágio Supervisionado II, desenvolvida na Universidade Federal Rural de Pernambuco(UFRPE), tendo como campo prático a Escola Técnica Estadual Dom Bosco, Recife (PE). A partir do trabalho com a pedagogia de projetos, buscou-se discutir a relação dos alunos com o espaço, a memória e a memória histórica, visto a importância histórica do local que cerca a escola, o Sítio da Trindade, um importante forte de resistência à ocupação holandesa em Pernambuco no século XVII. Enxergamos neste local uma potencialidade de aproximação entre conteúdo e cotidiano dos discentes, podendo, assim, encher de significado o conhecimento histórico, nos aproximando das realidades e vivências de nossos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: memória; memória histórica; ensino; educação; espaço.

SÍTIO DA TRINDADE OR ARRAIAL DO BOM JESUS? MEMORY, HISTORICAL MEMORY AND RESIGNIFICATION OF SPACE: an experience with second-year high school students at ETE Dom Bosco- Recife-PE

ABSTRACT:

This work presents an experience report of teaching practice in the Supervised Internship II discipline, developed at the Federal Rural University of Pernambuco

¹⁰⁹ Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). <http://lattes.cnpq.br/6327663624051238>.
E-mail: j.robetojr1977@gmail.com/joseroberto.silvajunior@ufrpe.br

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

(UFRPE), with the Dom Bosco State Technical School, Recife (PE), as its practical field. From the work with project pedagogy, we sought to discuss the students' relationship with space, memory and historical memory, given the historical importance of the place that surrounds the school, Sítio da Trindade, an important stronghold of resistance to the Dutch occupation of Pernambuco in the 17th century. We see in this place a potential for bringing content and students' daily lives closer together, thus being able to fill historical knowledge with meaning, bringing us closer to the realities and experiences of our students.

KEYWORDS: memory; historical memory; teaching; education; space.

Introdução

O presente artigo é resultado da experiência de prática docente na disciplina de Estágio Supervisionado II, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), tendo como campo prático de estágio a Escola Técnica Estadual (ETE) Dom Bosco, localizada na Zona Norte da cidade do Recife (PE), no bairro de Casa Amarela.

A geografia da escola a coloca em uma localização privilegiada, em frente ao Sítio da Trindade, espaço público muito famoso, principalmente no período junino, onde a prefeitura organiza um mês de festa, atraindo um grande público. Esse mesmo espaço, em tempos mais recuados na história, abrigou importantes eventos. No século XVII serviu de forte militar (Antigo Arraial do Bom Jesus) para resistência lusitana durante a invasão holandesa a Pernambuco. Já na década de 60, foi sede do MCP (Movimento de Cultura Popular), fechado em 1964 com o golpe militar. Em conversas com os estudantes, notamos que este espaço, pela sua proximidade com a escola, está muito presente no cotidiano deles, seja como ponto de encontro pós-aula ou mesmo o lugar para a dita "paquera" (segundo os mesmos).

Diante disso, surgiram as seguintes inquietações: quais memórias os estudantes têm com esse espaço? como eles ocupam e ressignificam o mesmo? É possível a reconstrução de uma memória histórica sobre eventos mais recuados no tempo? Não coincidentemente, um dos assuntos da segunda unidade dos estudantes

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

no momento de nossa intervenção foi o período de ocupação holandesa em Pernambuco.

Ademais, trabalhamos com a pedagogia de projetos ou ABP (Abordagem Baseada em Projetos). Em primeiro momento, foi feito um trabalho quase etnográfico, para entender a dinâmica da sala e seus interesses. Posteriormente, na segunda etapa: apresentamos o nosso plano de trabalho. Em seguida, organizamos uma aula expositiva, com fontes e documentos, interligando o Sítio da Trindade com o Arraial do Bom Jesus, a partir da dualidade: espaço ocupado pelos alunos, mas também como um local de memória histórica. O apogeu se deu numa aula de campo no próprio Sítio da Trindade, onde exploramos desde as escavações dos resquícios do antigo forte à antiga sede do MCP.

Ao final de nossa intervenção em sala, solicitamos a confecção de um e-book digital, onde os alunos trariam suas memórias com aquele espaço. A partir dos resultados obtidos, consideramos de suma importância o diálogo dos conteúdos mobilizados em sala com as vivências de nossos estudantes, promovendo a memória histórica como caminho à preservação do patrimônio, despertando-os à auto-percepção enquanto sujeitos ativos de seu tempo e produtores do espaço.

Metodologia

O trabalho dentro da escola foi balizado através de uma metodologia ativa. A saber, a metodologia Karen (adaptada) conforme orientação da professora da disciplina de estágio, seguindo as seguintes etapas: passos: 1. Defina o tema do projeto. Os alunos decidem o que desenvolver dentro do tema; 2. Alterne teoria e prática; 3. Crie um ambiente ideal de trabalho; 4. Defina prazo para entrega dos produtos. 5. Defina critérios claros de avaliação¹¹⁰. A base de todo nosso trabalho fundamentou-se na pedagogia de projetos, ou ABP (Abordagem Baseada em Projetos, que segundo William Bender: “A ABP é um formato de ensino

¹¹⁰ Instruções disponibilizadas pela professora em slide e explicadas em sala.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

empolgante e inovador, no qual os alunos selecionam muitos aspectos de sua tarefa e são motivados por problemas do mundo real, que podem, e em muitos casos irão, contribuir para sua comunidade”. (BENDER, 2014, p. 15).

Fundamentação historiográfica

Quando partimos para a perspectiva histórica, todo cuidado é pouco para não cairmos na forte tradição historiográfica pernambucana que perpetuou-se por muito tempo enxergando a resistência à ocupação holandesa como a gênese do Brasil, partindo de uma narrativa romântica dos eventos (ALBUQUERQUE, 1997, pp.199-217). Por isso, vê-se aí a complexidade e o amplo campo de possibilidades para trabalhar com o assunto. Portanto, problematizações não faltam.

Para dar conta dessas questões, usamos como aporte teórico, a dissertação de mestrado de Sérgio Lima Silva *Patrimônio cultural, espaço público e os seus modos de usar: o caso do conjunto paisagístico do Sítio da Trindade* (2020). Este trabalho aborda muito a contraposição do Sítio da Trindade enquanto espaço público ocupado pela população e ao mesmo tempo um local de importância histórica, um patrimônio que deve ser preservado, em risco mediante os ciclos de eventos juninos. Neste sentido, foi de suma importância o trabalho do professor da UFPE e fundador do laboratório arqueológico da mesma instituição, Marcos Albuquerque. Responsável pela primeira escavação no sítio, em 1968, onde encontraram o fosso do antigo forte. Houveram outras duas escavações em 1988 e 2008. Os trabalhos do professor, neste sentido, são de suma importância para nós, havendo vista que fizemos a visita à escavação visível no Sítio.

Fundamentação curricular, didático-pedagógica e jurídica

Conforme o currículo oficial do Estado de Pernambuco, tendo em vista o conteúdo já ministrado pela professora em sala a, Ocupação Holandesa em Pernambuco (1630-1654). Embora não estando no conteúdo para o segundo ano do ensino médio na rede estadual de Pernambuco, passamos brevemente sobre o

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Golpe Militar de 1964 (temática abordada posteriormente, no terceiro ano), tendo em vista que o referido espaço foi a sede do Movimento de Cultura Popular (MCP). Além do diálogo com uso desse espaço com o tempo presente, principalmente no período junino.

A partir de 2017, com a Lei nº 13415, a educação no Brasil passou por muitas transformações e mudanças, muitas delas não tão positivas. Entre essas novidades temos a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Este documento rege o que deve ser ensinado nas escolas brasileiras, designando as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas pelos estudantes em todo território nacional. Apesar de todas as críticas a este documento, na atualidade é ela uma das principais diretrizes que guia os currículos das secretarias de educação em todas as federações do país, seja em seu nível estadual ou municipal. É ela também que legitima e resguarda juridicamente os professores sobre os assuntos ministrados em sala de aula.

Tendo como guia o supracitado documento, seguimos pelo seguinte caminho: competência 2: Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações. (EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. (EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico. Explorando na prática as habilidades (EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018).

Fontes históricas trabalhadas

A principal fonte histórica utilizada foi o próprio Sítio da Trindade, localizada em frente à escola. A proximidade com a própria fonte gerou um maior interesse e facilidade para trabalhar com os alunos. Inclusive, é importante notar que no interior do espaço temos uma escavação arqueológica iniciada em 1968, liderada pelo professor Marcos Albuquerque, do departamento de arqueologia da UFPE, como já mencionado acima.

Figura 1 - Detalhe iconográfico dando a ideia de 3D como ainda da ocupação interna do forte. (documento usado em aula)



Fonte: Albuquerque, Nogueira, Lucena, 2010

<http://www.fortalezas.ufsc.br/6seminario/index.php>

Trabalho e discussões

Ao chegarmos à instituição buscamos fazer uma leitura não apenas endógena da sala de aula, mas exógena, ou seja, analisamos atentamente o espaço que a cerca.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Definitivamente, fez-se impossível ignorar o Sítio da Trindade, local público que fica literalmente em frente à escola. Todavia, salientamos que houveram vários atenuantes que ajudaram no nosso objeto de estudo e, conseqüentemente, na construção de nossa intervenção pedagógica.

Nosso campo de atuação foi uma turma do segundo ano de ensino médio-técnico do curso técnico em publicidade. Não sabemos se é apropriado falar em coincidência dentro de um trabalho científico, mas cremos que não há outra palavra para designar nossa experiência. Nossas atividades começam no mês de maio, justamente quando está se dando início a segunda unidade. Neste momento, a disciplina de história está centrada na Idade Moderna Europeia e no Período Colonial Brasileiro, onde, posteriormente, adentrou-se no período de Ocupação Holandesa em Pernambuco (1630 a 1654). O Sítio da Trindade, antigo Arraial do Bom Jesus, trata-se de um forte militar de resistência luso-brasileira à invasão flamenga. Mediante essa posição geográfica privilegiada que se encontra a escola, notamos grande potencialidade de uso do referido espaço como ferramenta didática da disciplina de História.

Uma outra coincidência foi a aproximação do período junino, onde o Sítio é usado ao decorrer de quase um mês para as festas características desta época, onde há uma grande circulação de pessoas e o espaço é usado para manifestações da cultura popular. Uma herança do MCP (Movimento de Cultura Popular), na década de 60, uma outra parte muito importante da história deste local.

Todavia, vamos além, percebemos que o espaço está diretamente ligado ao cotidiano dos nossos estudantes, não só enquanto ponto de passagem, mas, também, um local ocupado por estes ao fim das aulas, por exemplo, ou quando largam mais cedo e etc. Um espaço propício às loucuras que nos permite a juventude, mas que a seriedade deste trabalho nos outorga o direito de censurar. Em outras palavras, há uma memória de nossos discentes com esse espaço.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Para isso, nosso trabalho buscou trazer esta reflexão aos nossos alunos sobre o espaço que está sendo ocupado, por meio da contraposição entre História e Memória, trabalhamos com a importância da memória histórica para educação e preservação patrimonial. O Sítio da Trindade é, portanto, o que podemos categorizar como um local de memória, na medida que:

Os lugares memórias são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e renovação. Valorizando, por natureza, mais o novo que o antigo, mais o jovem que o velho, mais o futuro que o passado. (NORA, 1984, pp.12,13)

As informações acima já denotam mais ou menos o caminho que nos levou a trabalhar com tal tema em sala. Todavia, para além de uma série de coincidências, tivemos como preocupação a aproximação do conteúdo ministrado com o cotidiano dos nossos discentes, como bem propõe a ABP. Tendo em vista que em conversa com os mesmos o espaço do Sítio da Trindade está na memória e no cotidiano desses indivíduos. “O aprendizado histórico pode ser posto em andamento, portanto, somente a partir da experiência de ações relevantes do presente”. (RÜSEN, 2010, p.44).

Cremos que aproximar os conteúdos ministrados à realidade vivida pelos estudantes torna-se uma importante ferramenta para captação da atenção dos estudantes. Neste sentido, a localização geográfica da escola demonstrou-se como de grande potencialidade para exploração dos assuntos que estavam sendo abordados em sala de aula. Todavia, como pode, questionamo-nos, os estudantes conviver tão próximo de um espaço de tão importância histórica e não ter sequer noção de sua significância? Sérgio Lima Silva, mestre pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, parece nos dar um caminho em sua dissertação:

Um dos objetivos secundários de nossa pesquisa buscava entender se o público usuário do Sítio da Trindade havia se afastado da memória inicial estabelecida pela produção da memória nacional, ou seja, o espaço onde

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

heróis lutaram contra os invasores holandeses. Entendemos que nunca houve esse afastamento, pois apenas podemos nos afastar do que já fomos próximos e, nesse caso, nunca houve essa proximidade entre os grupos sociais que utilizam o espaço e a história objetiva, selecionada conscientemente. (SILVA, 2020, p.111)

O convívio com os alunos em sala de aula evidenciou que a máxima posta em questão pelo autor é verdadeira. Todavia, não podemos nos esquecer que esses indivíduos carregam consigo também memória com este espaço, que embora necessariamente não se ligue com o passado mais recuado, auxilia na ação e relação sujeito-espaço. Vemo-nos diante de uma dupla dimensão: estamos em um espaço público, apropriado e usado por esses indivíduos (e também pelos populares), porém, também um local de memória histórica. Como lidar com essa dualidade? A compreensão da segunda, sem dúvidas, é o caminho para a preservação. É possível a preservação de um local tão assediado pelo público, com ênfase no período junino? Sim, ademais, logrou-se êxito neste trabalho ao aproximar nossos estudantes com a memória histórica em períodos mais recuados de suas temporalidades. Não se trata de, em última instância, um processo de sobreposição ou apagamento de uma sobre a outra, mas antes de tudo, de uma confluência entre esses dois aspectos da memória, entre um passado mais recuado e um presente experienciado.

Etapas e desenvolvimento do projeto

Tabela 1- Atividade desenvolvida pelos estagiários

ATIVIDADE EM SALA	DATA
Reunião com a professora supervisora para planejamento das atividades; Observação da escola	01/05
Observação da sala de aula	06/05
Estudo de Caso; Definição de tema investigado pela turma	13/05

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Escrita do projeto	15/05
Apresentação do projeto para a turma	20/05
Acompanhamento de aula sobre a temática Observação de campo (apenas estagiários)	27/05
Detalhamento do projeto	03/06
Aula de campo	10/06
Coleta de material solicitado aos alunos para análise; Auxílio na criação de produto	17/06
Culminância	01/07

Fonte: Autor, 202

Tabela 2- Atividades dos estudantes

AÇÕES EM CASA	DATA
Sugestão de exercício de reflexão sobre memórias com o espaço em questão;	20/05
Sugestão de atividade: escrita de uma lauda sobre suas respectivas memórias com o espaço em questão	27/05
Sugestão de início de criação de projeto: roteirização	03/06
Sugestão de criação de produto: protótipos	10/06
Continuidade na criação de produtos definitivos (até data de culminância)	17/06

Fonte: Autor, 2024

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Imagem 1- Apresentação do projeto de trabalho à turma



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Imagem 2 - Aula de campo no Sítio da Trindade



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Imagem 3 - Foto com toda turma após trabalho de campo



Fonte: Acervo pessoal, 2024

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Produto final

Após todo o processo, solicitamos aos alunos a produção de um e-book, um pequeno livro de memórias deles com o espaço do Sítio da Trindade. Tendo em vista que o processo de avaliação se deu após nossa aula de campo, esperávamos que eles conseguissem perceber-se como agentes formadores do espaço, mas para além disso, perceber o ambiente que os cercam como importante lugar de memória histórica.

Além do conteúdo, também observamos a forma. Por serem alunos do técnico em publicidade, partiu-se do princípio que eles teriam mais habilidade com as ferramentas tecnológicas, e não deixaram a desejar. A avaliação por meio da produção de um e-book de memória permitiu aflorar o lado criativo dos discentes, o que podemos enquadrar em uma linguagem alternativa de produção e absorção conhecimento histórico pelos alunos, vendo-se enquanto sujeitos ativos e produtores do espaço em seu tempo, mas também como ferramenta interessante para avaliação docente.

Por conta do período de férias da rede estadual, não conseguimos fazer a culminância, a data ficou como prazo final para entrega do trabalho. A professora adotou nosso projeto como parte da nota de segunda unidade.

Destacamos ainda que pretendíamos também solicitar aos discentes gravação de um pequeno *reels* para o instagram por parte dos alunos, fazendo um tour pelo Sítio e abordando esse lado histórico, o que o tempo também não nos permitiu fazer. Abaixo segue a capa do material produzido pelos alunos, assim como dois exemplos de textos contidos no e-book, escrito pelos mesmos¹¹¹.

¹¹¹ Por uma questão ética e jurídica, tal qual borramos as imagens em que aparecem os estudantes (que são menores de idade) optamos por não identificar os alunos autores dos textos.

Imagem 4 - Produto final: capa do e-book



Fonte: Estudantes do 2ºano A de Publicidade,
ETE Dom Bosco, 2024

Texto I:

MEMÓRIAS QUE NÃO SÃO MINHAS

Admito ter ido poucas vezes ao sítio, se foram 4, até cinco foram muitas, mas todas com certeza não foram sem trazer algum sentimento bom, mas após a aula de história que eu tive no sítio, eu parei pra pensar em muitas coisas, mas especialmente em memórias que não são as minhas, memórias das pessoas que lutaram, e viveram outras coisas também no sítio, seja antigamente, ou num passado mais próximo, com certeza o sítio foi palco de inúmeras coisas, que a gente atualmente possa só imaginar, mas também traz um bom ensinamento a se pensar: tudo é formado pelo nosso ponto de vista, e de verdade, creio que essa sensação de que o mundo está ficando cada vez mais horrível, —apesar de verdade—, não é algo exclusivo da atualidade, poxa!, tem várias pessoas que lutaram para termos o que temos hoje, bem, é uma pensamento muito bom que vim marinando a um tempo

Texto II:

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

POESIA À MEMÓRIA HISTÓRICA ¹¹²

*Nós, a mocidade,
vamos ao sítio da trindade para conhecer a história,
do nosso país
do que se é, não pelo o que se diz

Dizem que conhecimento é poder
Mas nem todos o podem ter,
Por isso
Memória histórica se deve haver
Para se compreender quem sou eu,
E quem é você*

Considerações finais

O caminho trilhado ao decorrer dessa intervenção em sala mostrou-se frutífero e seus resultados merecem especial atenção. Notamos na Abordagem Baseada em Projetos (ABP) como uma ferramenta de grande potencialidade para o ensino de História na Educação Básica. Isto, sem dúvidas, é um incentivo para aplicabilidade em outros contextos e temáticas. Obviamente, não se busca uma imposição de um modelo pré-estabelecido, pronto e dado de uma prática pedagógica, pois reconhecemos as nuances e limites que são variáveis no tempo-espço.

Neste sentido, o engajamento dos alunos só foi possível pelo diálogo que a pedagogia de projetos faz com a realidade experienciada por eles. Sendo assim, não

¹¹² Optou-se por manter a estética(forma) utilizada pelo aluno em sua poesia no e-book, em respeito ao seu processo criativo.

se faz supérfluo enfatizar a necessidade do diálogo conteúdo-cotidiano, de forma que o aprendizado encha-se de sentido para nossos estudantes. Em outras palavras, a construção do conhecimento histórico, neste aspecto, se dá a partir do autorreconhecimento do discente enquanto produtor do espaço, mas para além disso, o presente experienciado é um caminho para a compreensão do outro distanciado pelo passado mais recuado. Assim, perpetua-se a velha máxima da História preconizada pelos Annales, o recuo ao passado é, antes de tudo, uma inquietação do presente.

Ademais, é interessante notar que o conhecimento prévio e a memória dos alunos como espaço não é uma informação descartável, mas foi ela o fio condutor de todo projeto. Não se trata, portanto, de uma sobreposição, mas essas memórias coabitam.

Em última instância, a memória histórica não exclui a memória afetiva do indivíduo com o espaço, mas ramifica sua visão sobre ele. A dualidade já anteriormente explorada brilhantemente por Silva (2020) entre local de Memória Histórica *versus* local de apropriação, ocupação e festejo popular parece agora não soar tão dicotômico, de modo que, a compreensão de sua importância seja o caminho para a sua preservação, ou melhor dizendo, uma educação patrimonial, o que não significa o abandono das práticas materiais cotidiana com espaço, mas a continuidade da ocupação do espaço de maneira historicamente consciente. É neste sentido que as aulas de História em diálogo com ABP prestam um excelente serviço.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE , Marcos. **Forte Real do Bom Jesus**: resgate arqueológico de um sítio histórico de J Marcos Albuquerque . Veléda Lucena. - Recife : s.n . 1988 (Recife: CEPE).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

ALBUQUERQUE, Marcos. Fortes de Pernambuco : imagens do passado e do presente/ Marcos Albuquerque. Lucena, Veléda Lucena. Doris Walmsley. - Recife : Graftorrc, 1999. pp. 44-48.

ALBUQUERQUE, Marcos. Arraial Novo do Bom Jesus: consolidando um processo, iniciando um futuro. 10 e:l/Marcos Albuquerque; Veleda Lucena - Recife: Ed. Graftorre Ltde., 1997.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; NOGUEIRA, Rubia. O Forte Real do Bom Jesus: um Marco da Resistência à Invasão Holandesa. VI Seminário Regional de Cidades Fortificadas e Primeiro Encontro Técnico de Gestores de Fortificações 31 de março a 02 de abril de 2010; <http://www.fortalezas.ufsc.br/6seminario/index.php>

BENDER, Willian N. Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI/William N. Bender; tradução: Fernando de Siqueira Rodrigues; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. Porto Alegre: Penso, 2014. pp. 15-29

BRASIL, Base Nacional Comum Curricular-2018-
[https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC EI EF 110518-versaofinal.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal.pdf)- Acesso em 26 set 2024

NORA, Pierre. In: Les lieux de mémoire. I La République, Paris, Gallimard, 1984, pp. XVIII- XLII. Tradução autorizada pelo editor. Editions Gallimard 1984. Proj. História, São Paulo. (10) dez. 1993- tradução: Yara Aun Khoury- **ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA**: a problemática dos lugares:

RÜSEN, Jörn. Aprendizado histórico. In: Jörn Rüsen e o ensino de História. Curitiba: Editora UFPR, 2010. pp. 41-49

SILVA, Sérgio Lima. Patrimônio cultural, espaço público e os seus modos de usar: o caso do conjunto paisagístico do Sítio da Trindade / Sérgio Lima Silva. - 2020.

História e Memória. Saulo Goulart. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lfy55jJhqS8>. Acesso em 25 de set 2024

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade